

Senado

CPI DA CORRUPÇÃO

Fernando Henrique acredita que Jader Barbalho, do caso Sudam, ACM e Arruda, do caso do painel, correm sério risco de perder o mandato. Ele teme os efeitos da crise política na economia do país

FHC prevê cassação de três

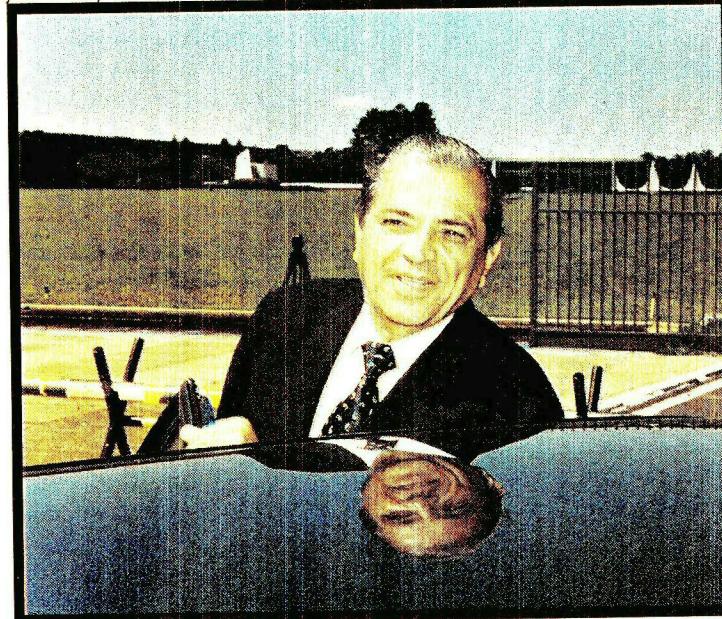
Da Agência Estado

O presidente Fernando Henrique Cardoso está convencido de que o escândalo da violação do painel de votação do Senado e o agravamento do caso Sudam acabarão em cassação. Segundo auxiliares próximos, ele não vê outro destino para o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), e para os senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem partido) que a perda do mandato. "Quem se opuser ao processo natural que já foi deflagrado, inclusive o governo, será consumido por ele", tem dito Fernando Henrique.

Em conversas reservadas com mais de um interlocutor, ontem, o presidente demonstrou grande preocupação com a nova ameaça de instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Congresso para apurar denúncias de corrupção contra o governo federal.

Segundo o relato de políticos e colaboradores próximos, ele mostrou-se temeroso quanto ao provável impacto negativo da chamada CPI da Corrupção sobre a economia do país, que já tem-se mostrado sensível às turbulências enfrentadas pela Argentina. "O presidente acha que os fundamentos da economia brasileira estão bons, mas vê que o país está jogando uma cartada e teme que isso venha a prejudicar o Mercosul", contou o líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio Neto (PSDB-AM). "A única angústia do governo é não estar encontrando um clima político interno de coesão para enfrentar a

Jefferson Rudy



INOCÊNCIO: INSTABILIDADE POLÍTICA PODE AFETAR A ECONOMIA

crise externa", acrescentou (*leia mais sobre crise argentina nas páginas 32 e 33*).

SEM RECEIO

O deputado tucano foi um dos políticos recebidos pelo presidente no Palácio da Alvorada. A romaria de aliados começou logo cedo, com a chegada do governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB). "O presidente está preocupado com a economia", endossou o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira. Segundo ele, durante a avaliação que fizeram da crise política do Congresso, Fernando Henrique teria enfatizado que não teme nenhuma investigação, mas sim, que o clima de instabilidade política contamine a economia, num momento em que o cenário externo mostra-se delicado. À noite,

o porta-voz da Presidência, ministro Georges Lamazière, informou que o governo não tem nada a temer. "Ele considera que o Congresso não deve servir de delegacia de polícia ou palanque eleitoral", afirmou. "O Congresso, entretanto, é o juiz do que deseja fazer."

Segundo Lamazière, o presidente reiterou que o Congresso Nacional "não deve servir de delegacia de polícia ou palanque eleitoral". FHC disse porém que "o Congresso é juiz do que deve fazer e que outras instâncias são mais apropriadas para este tipo de investigação e que já estão apurando como é do conhecimento de todos".

Os operadores políticos do Palácio do Planalto definiram uma estratégia para impedir a instalação da CPI, mas mantive-

ram um discurso cauteloso. "Ficaremos alertas e vigilantes, administrando dia-a-dia", avisou o líder do governo na Câmara, Arnaldo Madeira (PSDB-SP).

Um grupo de políticos aliados já foi orientado a retirar seu apoio junto à Mesa da Câmara, que conferirá as assinaturas. No final da tarde, entretanto, a oposição anunciou ter conseguido o apoio de 171 parlamentares e os articuladores do governo já exerciam dificuldades em seguir a instalação da comissão de investigação (*veja na página 12*).

Políticos que estiveram ontem com Fernando Henrique relataram que o presidente acompanha com atenção os desdobramentos do escândalo da violação do painel de votações do Senado, mas garante que não sairá em defesa de nenhum dos aliados envolvidos. "O presidente acredita que o Senado vai resolver o mais rápido possível e que tem de agir em consonância com a sociedade", contou Inocêncio.

A um ministro do seu círculo mais próximo, o presidente confidenciou ter-se sentido enganado por José Roberto Arruda. O primeiro deslize teria acontecido há algumas semanas, quando o senador teve seu nome associado pela primeira vez ao escândalo. Naquele ocasião, disse a fonte, Arruda teria procurado Fernando Henrique para garantir-lhe que não tinha nenhuma participação no caso e que podia comprovar. A irritação do presidente com o senador aumentou nesta semana, quando Arruda assumiu o erro e disse que já havia apoiado o Planalto em situações mais graves. "O presidente ficou indignado pois pareceu chantagem."